

**INCLUSÃO NA LINHA: RELATO DE EXPERIÊNCIA DE ATIVIDADES
DESENVOLVIDAS COM DEFICIENTES AUDITIVOS NO CURSO DE EXTENSÃO
“TREM DO PANTANAL – TRILHANDO O CAMINHO DO BIOMA E DAS
DOENÇAS TROPICAIS”**

Área Temática: Educação

Ana Paula da Costa Marques¹

Filipy Alves Rodrigues², Anna Carolina Soares de Araújo Abate², Cleide Marcelino de Oliveira², Cristiane Alves Soares², Kelen Ilka Paiva Fuzeta², Thaisy Araujo Avalhaes Wunder Castro², Sandra Maria do Valle Leone de Oliveira³, Anamaria Mello Miranda Paniago³, James Venturini³, Dario Corrêa Junior⁴, Ana Paula da Costa Marques¹

RESUMO: A surdez é um estado natural para a criança surda, e ela sente a deficiência apenas indiretamente, como resultado de suas experiências sociais, principalmente no ato de se comunicar. O objetivo do estudo foi tornar possível a inclusão de dois alunos deficientes auditivos e um Surdo numa turma com outros 22 alunos ouvintes, por meio de metodologia ativa, participação em grupo, auxílio de intérpretes e jogos didáticos no decorrer do projeto “Trem do Pantanal: trilhando o caminho do Bioma e das doenças tropicais”. Como resultados, constatamos que o aluno com conhecimento total da Libras pode desenvolver conceitos e se apropriar do conhecimento como qualquer aluno ouvinte; o aluno que tinha conhecimento moderado de Libras e utilizava aparelho auditivo teve um desempenho satisfatório apesar das dores e incômodos causados pelo aparelho; e o aluno sem base de Libras não pode se desenvolver plenamente, pois não teve base para utilizar a língua portuguesa escrita nem a Libras. Com base nisso, conclui-se que deficientes auditivos só podem se desenvolver plenamente por meio do uso da Libras e quanto mais cedo for o contato com a língua, o indivíduo estará melhor preparado para se desenvolver socialmente, desde que não haja preconceitos e julgamentos nas instituições sociais.

Palavras-chaves: Educação especial, Deficiência auditiva, Língua brasileira de sinais.

¹ Instituto de Biociências – INBIO, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS – e-mail: apcmarques@hotmail.com

² Discente do Curso de Ciências Biológicas Licenciatura; Instituto de Biociências - INBIO; Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS;

³ Faculdade de medicina - FAMED, Unidade Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS ⁴ Discente do curso de Pós-Graduação em Doenças Infecciosas e Parasitárias, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS

1 INTRODUÇÃO

Qualquer deficiência física, seja a surdez ou a cegueira, não só modifica a relação da criança com o mundo mas, antes de tudo, se manifesta nas relações pessoais (Vigotski, 1997). Até ser devidamente diagnosticada, a deficiência é tida, primariamente pelos pais, como uma anormalidade social de conduta. Após diagnóstico, é comum que os médicos aconselhem o uso de aparelhos auditivos nos casos de surdez moderada e de implante coclear nos casos de surdez severa e profunda, porém além de tais aparelhos causarem um ruído constante e posteriores dores e incômodos, estão atrelados à mentalidade de que um surdo precisa ouvir para ser considerado normal, como é bem evidenciado no filme “E seu nome é Jonas” (1979) que ainda demonstra a realidade.

Para a criança surda, no entanto, a surdez é um estado natural, e ela sente a deficiência de maneira secundária, como resultado de suas experiências sociais, principalmente no ato de se comunicar (Vigotski, 1997). O desenvolvimento da fala em crianças sem deficiência auditiva e posteriormente a maneira com a qual ela abstrai o meio se deve ao fato dela conseguir imitar os sons de estímulos auditivos que recebe (Luria, 1988). Uma criança surda que não recebe estímulos auditivos vai imitar o que? Por mais que uma criança seja estimulada a fazer leitura labial ela dificilmente terá a mesma abstração que uma criança ouvinte. É preciso assimilar a ideia de que a surdez não é nada mais do que a falta de uma das vias para a formação dos vínculos condicionantes com o meio.

A conotação da palavra “surdo” no Brasil muda de acordo com o contexto: se utilizarmos o contexto médico, surdo é o indivíduo que possui deficiência auditiva bilateral acima de 41 decibéis. Já na comunidade Surda, Surdo é o indivíduo que possui qualquer deficiência auditiva e tem como primeira língua a Língua Brasileira de Sinais - Libras (Monteiro, 2006). Utilizaremos o termo “Surdo” para nos referirmos aos deficientes auditivos que dominam o uso da Libras e o termo “deficiente auditivo” para qualquer pessoa que possua deficiência auditiva mas que não domine o uso da Libras.

Tanto a língua escrita quanto a falada têm um importante papel de mediação na internalização das funções mentais superiores (Luria, 1988). A criança surda pode se desenvolver tanto quanto uma criança ouvinte, mas por outros caminhos e meios. No Brasil, enquanto o ouvinte se apropria dos significados dos objetos do meio e desenvolve os signos utilizando a Língua Portuguesa, a maneira

com a qual o Surdo pode abstrair signos e entender o meio é através do uso da Língua Brasileira de Sinais. Apesar da Libras ter surgido oficialmente no final do século 19, apenas em 2002, com a LEI Nº 10.436, é que a LIBRAS é tida federalmente como forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, que constitui um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil, lei que foi regulamentada só no ano de 2005 com o decreto nº 5626.

Apesar da regulamentação da lei, sabe-se que, ainda hoje alunos surdos são excluídos de algumas atividades extracurriculares, seja por falta de estrutura da instituição em oferecer o intérprete da Língua brasileira de sinais ou até mesmo por desinteresse em ter esses alunos nas atividades.

Entretanto, o projeto de curso de extensão “Trem do Pantanal: trilhando o caminho do Bioma e das doenças tropicais”, cujo principal objetivo é promover o intercâmbio entre a universidade e a sociedade atuando diretamente na melhoria do ensino básico público também tem como princípio e meta a não exclusão de alunos, seja qual for suas necessidades especiais ou deficiência.

2 DESENVOLVIMENTO

Neste ano, o curso de extensão “Trem do Pantanal: trilhando o caminho do Bioma e das doenças tropicais”, que está em sua terceira edição, aconteceu de 23 a 27 de abril e foi oferecido a 25 alunos do primeiro ano do ensino médio da Escola Estadual Ada Teixeira, dentre os quais dois eram deficientes auditivos e um Surdo.

O curso é baseado na metodologia científica e utiliza diferentes métodos ativos de ensino para trabalhar o tema “doenças infecciosas e parasitárias inseridas no bioma tropical”. Devido a participação dos alunos com deficiência auditiva e Surdo, a ideia era fazer um projeto inclusivo, no qual os alunos surdos participariam da mesma forma que os alunos ouvintes, de modo ativo e divertido, visto que, com o auxílio de intérpretes da língua brasileira de sinais, não haveria dificuldades que suas potencialidades não superassem.

Em relação aos dois alunos deficientes auditivos, o primeiro (aluno 1) utilizava aparelho auditivo e tinha conhecimento moderado da Libras e da Língua Portuguesa, o segundo (aluno 2) não utilizava aparelho, tinha conhecimento básico da Língua portuguesa apresentando muita dificuldade para ler e conhecimento

praticamente nulo da Libras. O aluno Surdo (aluno 3), dominava perfeitamente a Libras e tinha conhecimento moderado da Língua Portuguesa. Como ninguém da equipe de execução do projeto dominava Libras, os intérpretes da UFMS acompanharam todas as atividades realizadas no curso.

No primeiro dia, após uma dinâmica para que cada participante e membro da equipe se conhecessem, os alunos foram conduzidos a uma sala que foi ambientada com os quatro temas trabalhados no curso: Doenças Respiratórias, Infecções sexualmente transmissíveis, Arboviroses e Parasitoses. O objetivo dessa sala era instigar a curiosidade e levantar dúvidas. Baseado no que foi observado e na vivência de cada um, eles prepararam cerca de 90 questões sobre os temas. Durante essa prática pode-se perceber que os alunos com deficiência auditiva eram bem tímidos e pouco participativos, o aluno 2 conversava com alguns colegas, mas devido ao pouco domínio da língua portuguesa dificilmente era entendido. O aluno 3 se divertia bastante com as questões dos colegas, mostrando animação e empolgação.

No segundo dia, foi realizada visita a diversos laboratórios, nos quais os alunos puderam observar diferentes práticas laboratoriais de Imunologia, parasitologia, hematologia e realizaram experimentos no laboratório de microbiologia. No terceiro dia, eles trabalharam em grupo juntamente com alunos ouvintes para a preparação de uma apresentação expositiva sobre “Doenças respiratórias” e na produção de um teatro sobre o mesmo tema. Os alunos deficientes e Surdo optaram pela produção do teatro alegando ter muita dificuldade para apresentar.

No quarto dia eles elaboraram outra atividade de livre escolha, que poderia ser uma paródia musical, poema, teatro, apresentação ou qualquer outro meio que a criatividade os permitisse, abrangendo todos os temas e aprendizado que eles haviam tido no decorrer da semana, para que apresentassem ao final das atividades do dia posterior. Além disso, eles retornaram ao laboratório de microbiologia para observação dos resultados dos experimentos realizados.

No último dia, os alunos foram divididos em quatro equipes para a realização de uma gincana. A equipe de execução do curso preparou diversos jogos utilizando as perguntas feitas pelos alunos no primeiro dia, com objetivo de observar se os alunos conseguiram responder as suas próprias perguntas, ou seja, se o conteúdo trabalhado de maneira dinâmica e interativa foi realmente assimilado por

eles. O curso foi finalizado com apresentações lúdicas produzidas pelos alunos e uma cerimônia de entrega de certificados.

3 ANÁLISE E DISCUSSÃO

Os alunos deficientes auditivos e surdos participaram de todas as atividades propostas no curso. Entretanto, em relação ao conteúdo trabalhado apenas o aluno 3 alcançou um desenvolvimento satisfatório. Por ser filho de pais surdos, a Libras esteve presente por toda sua vida, como primeira língua, permitindo que ele pudesse se comunicar plenamente e desenvolver signos, mesmo não dominando a língua portuguesa.

O aluno 2 parecia sempre entender bem o que falávamos, mesmo no horário do almoço quando os intérpretes não estavam por perto. Ele contou que é o único surdo de toda sua família e que só utilizava Libras na escola, por isso utilizava o aparelho auditivo: para poder conversar com os pais em casa, mas relatou que o aparelho causa dor contínua nos ouvidos e um zumbido muito incômodo. O aluno 1 não pode abstrair totalmente a língua portuguesa porque, com 15 anos, nunca entendeu muito bem o que os professores diziam. Também era o único surdo da família e não fazia uso de Libras com ninguém. De acordo com os intérpretes, ele era um dos casos “ainda considerado perdido”, pois não entendia nem Libras nem português de maneira satisfatória, que permitisse abstrair signos integralmente; nesses casos, costuma-se contatar a família que optará ou pelo uso do aparelho auditivo ou pelo ensino em Libras.

Em relação à diversão, a história é outra. Mesmo não estando totalmente a par das informações, os alunos 1 e 2 se divertiram muito durante as visitas aos laboratórios, as apresentações teatrais e participações nas dinâmicas. Relataram que se sentiram incluídos em todo momento, fazendo laços de amizade tanto com os colegas da escola quanto com a equipe organizadora; o aluno 2 disse querer cursar veterinária na universidade, mas reclamou da dificuldade por ser surdo. O aluno 3 nos contou que a Libras e o contato que ela possibilitou ter com tantas pessoas diferentes por meio dos intérpretes foi algo novo e que amou. Se emocionou no momento de despedida e disse que queria cursar química na universidade.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os desafios para inclusão de deficientes auditivos são imensos: ainda hoje há preconceito dentro das famílias, dificultando o diagnóstico e, consequentemente, atrasando o desenvolvimento do indivíduo. O conhecimento e uso da Libras permite que todo o potencial da criança seja desenvolvido, tornando o uso de aparelhos e implante uma tortura desnecessária. Alunos surdos são tão capazes quanto os ouvintes para aprender e se desenvolver socialmente, o que falta é a superação do preconceito na família, ambiente escolar e, posteriormente, sociedade como um todo.

REFERÊNCIAS

- LURIA, Alexander R.; O desenvolvimento da escrita na criança. 9. ed. São Paulo, SP: Editora Ícone, 1988. Cap. 1, p. 16-48.
- MONTEIRO, M. S.; História dos movimentos dos surdos e o reconhecimento da LIBRAS. ETD – Educação Temática Digital, v.7 n.2, p. 295-305, jun. 2006.
- RIPPER, A. V.; Significação e mediação por signo e instrumento. Temas psicológicos, v.1 n.1, abr. 1993.
- VYGOTSKI, Lev Seminovich.; Obras escogidas tomo V: fundamentos de defectología. Madrid: Visor Dis., S.A., 1997.